

Notas sobre a capela e arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Lisboa (1756-1834) – guardiães do património carmelita

Célia Nunes Pereira

*Aos irmãos da Venerável
Ordem Terceira do Carmo, Lurdes e Abel.*

Não existe no arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo, sito em Lisboa, documentação suficiente que assegure como principiou a sua implementação no antigo convento do Carmo de Lisboa. Infelizmente quase todos os conteúdos do seu arquivo e capela anteriores¹ a 1755 pereceram na altura do cataclisma, sobejando apenas alguns apontamentos como os *Termos e Determinações de Meza 1751-1841*² e uma pasta de recibos de receitas e despesas efectuadas entre 1754 e 1758³, onde não se encontram informações sobre as obras efectuadas pela Ordem Terceira no convento pós-terramoto.

¹ Antes do Terramoto de 1755 a capela e arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo encontravam-se instalados no convento do Carmo de Lisboa; Sobre a destruição dos seus bens consultar: SÃO PAYO, Conde D. António de, «A Real e Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa», Brotéria, Vols. XXXII-XXXIII, Fasc. 6 e 2-3, Lisboa, 1941, p.20

² Arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo (AVOTC) - *Termos e Determinações de Meza 1751-1841*, L^o 289 (Inédito)

³ AVOTC – Despeza 1754-1758, Caixa 32 (Inédito)

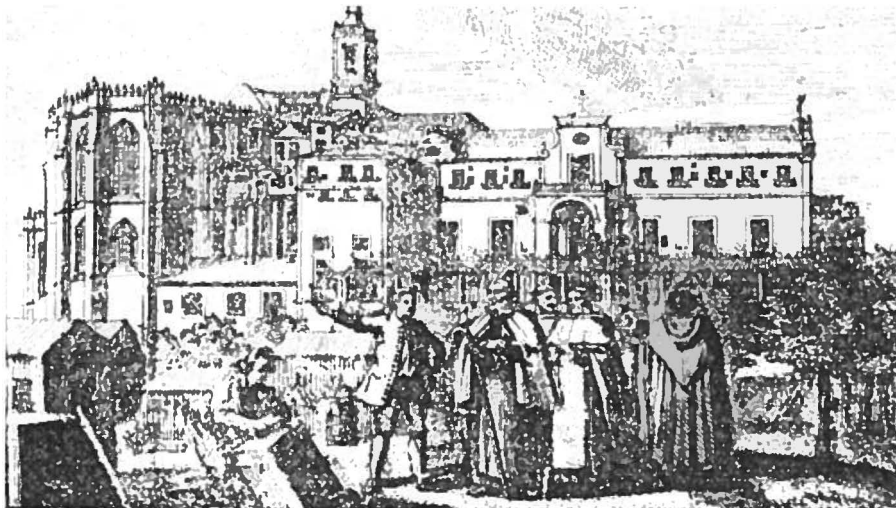


Fig. 1 Igreja (cabeceira) e Convento do Carmo de Lisboa. Gravura de G. Debrie, 1745.

Prescindido das notícias sobre as suas origens lendárias e suas Regras⁴ que não nos cabem aqui abarcar, sabemos tanto através de Frei Manuel de Sá⁵ como Frei Pereira de Santa Ana⁶ que a capela-jazigo dos irmãos terceiros da Ordem Terceira se fundou no século XVII, no claustro do convento Carmelita⁷. Sobre este claustro sabe-se que era «*chamado principal, ou mayor a respeito de outro inferior⁸, que fica entre as Oficinas do Convento⁹*». De desenho quadrangular, media todo o seu vão «*cento e trinta palmos geometricos de comprido, com cento e dez de largo¹⁰*», o seu perímetro era envolvido por um conjunto de 32 arcos, suportados por pilastras, cujos topos veiculavam a estrutura para a abertura de abóbadas – pintadas a fresco com imagens da vida de Santo Elias – que sustentavam «*hum continuada varanda, que forma quatro galarias de ja-*

nellas rasgadas»¹¹, onde por sua vez se instalavam os dormitórios, registados iconograficamente por Debrie numa gravura (fig.1) do convento em 1745.

As paredes que ocupam o pano de fundo de cada arco «*estão cubertas de azulejo fino, dividido por paineis, onde se dão a ver historiados alguns sucesos gloriosos dos Santos da Ordem.*»¹²

«*No pavimento de toda a area descuberta ha hum aprasivel jardim, dividido em quatro canteiros, guarnecidos de azulejo (...) e no meyo sobe um fermoso degrao assenta o excellente bocal da Cisterna, que alli se fez. O dito bocal he de pedra da Arrabida (...) e de hum so peça inteirissa (...)*»¹³.

Das demais componentes do claustro, destaque-se a capela consagrada ao *Passos do Senhor*¹⁴, que se entende como um espaço gerido pela *Venerável Ordem Terceira do Carmo*: «*o edificio desta capella foi em 14 de Março de 1638 obrado tudo e ornado a custa das Esmollas dos Irmaon's da dita ordem (...)*»¹⁵. A qual «*Floreceu muito maes neste convento*

⁴ BAYÓN, Balbino Velasco, A História da Ordem do Carmo em Portugal, Lisboa, 2001, 2001, pp.489-490

⁵ SÁ, Frei Manuel de, Notícias do Real Conv[en]to do Carmo de Li[is]bo[ia] Occid[en]tal [Manuscrito] / extraídas de vários livros impressos, e Manuscritos, reduzida a forma histórica pello presentado Fr. M[anu]el de Sa, Lisboa, 1725 (Inédito)

⁶ SANTA ANA, Frei José Pereira de, Chronicas Carmelitas, Tomos I e II, Lisboa, 1745

⁷ PEREIRA, Célia Nunes, A arte na igreja do convento do convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755) - contributos para o seu estudo cripto-histórico, dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, Lisboa, pp.115-118

⁸ As áreas ocupadas pelos antigos claustros não foram mudadas estruturalmente, sendo ambos utilizados como parques de estacionamento do Quartel da Guarda Nacional Republicana.

⁹ SANTA ANA, Frei José Pereira de, op. cit., p.760

¹⁰ Idem, ibidem, p.760

¹¹ Idem, *Ibidem*, p.761; Esta peça encontra-se actualmente exposta no Museu Aqueológico do Carmo (Nº de inventário: MAC/ESC.). No que respeita à antiga cisterna, subsistiu até aos dias de hoje, sendo visitável o seu interior (parque de estacionamento interior do quartel da Guarda Nacional Republicana).

¹² Idem, *Ibidem*, p.762

¹³ Idem, *Ibidem*, p.762

¹⁴ Dedicadas à temática dos Passos, Frei José de Santa Ana enumera cinco capelas, «*com retabolos dourados, e finissimos paineis*», justificando que não são sete «*como costumão ser as dos Passos, porque dous se armão na Igreja nas Capellas de S. Miguel, e de S. Simão Stoch*». Cfr. Idem, *Ibidem*, pp.761-762

¹⁵ SÁ, Manuel de, op. cit., 1721, fl.47 f. (numerada como a 32ª do texto manuscrito)

(...) desde 28 de Novembro de 1649»⁶, proporcionando sempre as mais ricas e diversificadas remodelações a este local: «A Ordem Terceira mandou fazer à sua custa a obra destes Passos, e azulejar todo o Claustro no anno de 1722 tendo já os Passos principio no anno de 1670.»¹⁷ Memória que se encontra gravada numa inscrição pertencente à colecção do Museu Arqueológico do Carmo¹⁸. Sabe-se ainda que «Da parte interior tudo nesta Capella he talha dourada desde o pavimento ate o tecto, que he de berço» - pelo menos parte desta obra foi da autoria de Francisco Lopes, mestre entalhador contratado pela Ordem Terceira em Agosto de 1669¹⁹ para fazer o arco e tecto da dita capela. Esta é descrita como tendo « (...) hum Altar precioso, e bem paramentado com magestosa Tribuna, onde está collocada a perfeita Imagem de Christo crucificado, que os Irmãos costumão levar aos hombros na Procissão do Triunfo. As outras Imagens dos Passos do Senhor tem pelo corpo da Capella decentes nichos, onde (...) se guardão. No mesmo Altar se venera a fermosissima Imagem de nossa (...) Senhora do Carmo, que he de estatura natural, e de vestidos. (...) Tem o dito Altar frontal, banquetta, e os mais adornos de prata lavrada. Os seus ornamentos são muitos, e preciosos. Da parte da epistola fica a sacristia (...).»²⁰

Em inícios do século XVIII esta Ordem contava com mais de oito mil irmãos constituintes de ambos os sexos, cujas esmolos, oferendas, legados e benfeitorias²¹, permitiram a construção e sustento do hospital da Ordem Terceira²² onde eram acolhidos para receber tratamento os irmãos mais pobres. Sabe-se que a edificação deste albergue, cuja fachada era «tão sumptuosa que mais parecia de um palácio.»²³, foi realizada na área das traseiras do convento do Carmo entre 1704 e 1708, em terre-

¹⁶ SÁ, Manuel de, *op. cit.*, 1721, fl.47 f. (numerada como a 32ª do texto manuscrito)

¹⁷ SANTA ANA, Frei José Pereira de, *op. cit.*, Lisboa, 1745, vol. I, p.775; Cfr. também: SÁ, Manuel de, *op. cit.*, 1721, fl.47 v. (numerada como a 32ª do texto manuscrito)

¹⁸ Numero de Inventário: MAC/Esc.157

¹⁹ IANTT – Cartório Notarial de Lisboa nº12 (actual nº1), Cx.53, Lº 215, Fls. 94-95 (Publicado por SERRÃO, Vítor, *op. cit.*, 2000, p.173, nota de rodapé nº173);

²⁰ SANTA ANA, Frei José Pereira de, *op. cit.*, Lisboa, 1745, vol. I, p.775

²¹ BAYÓN, Balbino Velasco, *op. cit.*, 2001, Lisboa, pp.502-503

²² PEREIRA, Célia Nunes, *op. cit.*, 2010, p.117

²³ SÃO PAYO, Conde de (D. Antonio), *op. cit.*, 1941, Lisboa, p.19

no adquiridos em 1703 ao guarda-mor da Torre do Tombo, Luís do Couto Félix²⁴. O edifício era «maravilhozo, muito lauado dos ventos, com galeria para a parte do Rocio, e vista larga, o cuidado no seu aseyo he notavel, e obra em que se admira sua grande genorozidade (...), custou mais de cem mil cruzados (...).»²⁵ A estrutura deste erguia-se nas traseiras do complexo monástico, cruzando-se com a «antiga rua das Escadinhas do Carmo (...).»²⁶, fazendo suscitar a dúvida se os vestígios estruturais que ainda hoje se visualizam na parte cimeira da actual Rua do Carmo (lado esquerdo, de quem desce em direcção ao Rossio) terão pertencido a esse albergue.

Em 1755, esta foi mais uma das partes constituintes do antigo convento do Carmo que ficou totalmente arruinada.

Ficando sem capela nem hospital, os Terceiros começam a acalentar a ideia de construção de um novo espaço onde pudessem celebrar o seu culto e prestar auxílio aos mais necessitados, «Para esse efeito, não só procuraram salvar o que restava dos seus valores – direitos sobre os imóveis da Ordem arruinados pelo terramoto (os chãos de seus prédios nas antigas ruas de Valverde, Nova do Espírito Santo, do Mestre Gonçalo, Sapateiros, das Ortas e do seu próprio hospital e casas anexas) – como procuram local para reedificar o seu novo hospício em conformidade com os novos arruamentos da cidade pombalina.»²⁷ Para edificação desta nova “empresa”, a Ordem Terceira adquiriu pela quantia de 943\$120 réis, o arruinado Palácio dos Gomes de Elvas (sito no Largo do Carmo) aos seus proprietários Rui da Silva de Sousa Coutinho e Aires António da Silva, celebrando-se a dita escritura a 18 de Dezembro de 1763. Todavia as obras não puderam ter início nesse ano, nem nos seguintes, devido a algumas complicações jurídicas levantadas pelos herdeiros dos ex-proprietários, que só foram resolvidas totalmente quando a Ordem Terceira «(...) requereu pelo juízo da Inspeção a compra do chão em litígio, e acabou por arrematá-lo por carta de 25 de Outubro

²⁴ SÃO PAYO, Conde de (D. Antonio), *op. cit.*, 1941, p.19

²⁵ SÁ, Manuel de, *op. cit.*, 1721, fl.47 v. (numerada como a 32ª do texto manuscrito)

²⁶ SÃO PAYO, Conde de (D. Antonio), *op. cit.*, 1941, p.19

²⁷ BAYÓN, Balbino Velasco, *op. cit.*, 2001, Lisboa, p.508

de 1774. Sendo Prior o Visconde de Ponte de Lima, Comissário Geral o Rev.^o Pe. Mestre Frei António de Almeida, Sub-Prior o Conde Vila Verde, e Secretário o Irmão Paulo Caetano de Amorim, lançou-se a primeira pedra da reconstrução do hospital dia 27 de Junho de 1775, lavrando-se o termo respectivo assinado por todos os mesários.»²⁶ Apesar de alguns historiadores afirmarem que a primeira pedra para reconstrução do hospital só foi lançada no ano de 1775, verifica-se que os actos para a sua edificação principiaram ainda em 1774, o que é testemunhado pelo «*Livro de Receita e Despeza Geral na reedificação do Hospital da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, anno 1774*»²⁷, onde se reúnem informações sobre a obra do Hospital de 19 de Novembro de 1774 a 22 de Junho de 1785: «*Exposição do estado em que se encontrava a Ordem para principiar a continuação das obras do Hospital e outros objectos concernentes; Receita que tem havido desde a fundação do Hospital (...); Conta resumida do custo do terreno (...); Contas por miúdo de cada um dos objectos para a factura da obra (...)*»²⁸. O projecto da autoria do Capitão Manuel Caetano de Sousa, demorou vários anos a ser concluído, sobretudo pela falta de capitais, pois a Ordem auferia apenas da 2.643\$775 réis, em «(...) virtude de ter perdido (...) grande parte do seu património com o terramoto de 1755 e de ter recebido pelos terrenos dos seus arruinados prédios apenas a quantia de 437\$080, apelou para as esmolas dos seus confrades de Lisboa e da Província, para se alcançar a conclusão das obras. Os terciários carmelitas da Província mostraram-se surdos ao apêlo, mas em Lisboa conseguiu-se obter, até Março de 1779, o cabedal de oito contos de réis; os próprios operários concorreram com um dia de trabalho, por semana, de esmola.»³¹

Dentro deste panorama de penúria em que a

²⁶ Idem, *Ibidem*, p.509

²⁷ AVOTC - *Livro de Receita e Despeza Geral na reedificação do Hospital da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, anno 1774* (Inedito)

²⁸ AVOTC *Exposição do estado em que se encontrava a Ordem para principiar a continuação das obras do Hospital e outros objectos concernentes; Receita que tem havido desde a fundação do Hospital (...); Conta resumida do custo do terreno (...); Contas por miúdo de cada um dos objectos para a factura da obra (...)*. (Inedito)

³¹ SAO PAYO, Conde de (D. Antonio), *op. cit.*, 1941, Lisboa, p.20

Ordem vivia, tinha como algumas das suas principais fontes de receita: as capelanias (onde constam registadas propriedades e obrigações, em troca do missas), hábitos para mortalhas e as sepulturas para enterramentos. Ao serem agregados todos estes pequenos contributos financeiros foi finalmente possível ver adiantada a obra do hospital, urgindo a erecção de uma capela no 1º andar do mesmo edifício sito no Largo do Carmo, onde os doentes, sem grande esforço de movimentação física pudessem fazer as suas orações.

Com o falecimento do irmão Manuel Simões em Outubro de 1780, a irmandade veio a receber o legado de trezentos mil réis que decidiu aplicar na construção da dita capela, «(...) conseguindo-se assim com êsse dinheiro, e com generosos adiantamentos dos irmãos José de Faria Martins, João Rodrigues Vale, Miguel Lourenço Peres, e doutros, que no dia 23 de Julho de 1789, dentro do oitavário da festa de Nossa Senhora do Carmo, sendo Prior o Conde de Lumiares, se trasladasse a antiga imagem de Nossa Senhora do Carmo, da Ordem Terceira, que se encontrava recolhida no convento do Carmo, para a nova capela, no edifício do hospital (...).»³², que foi benzida logo no dia seguinte. O novo santuário dos Terceiros ficou nesta altura com um altar-mor composto de tribuna e quatro altares laterais instituídos à face (dois de cada lado da capela), que virião a sofrer modificações cerca de um século depois, embora a capela já necessitasse de reparações desde 1850 - «O Pe. António José da Rosa Tôrres, então Comissário da Ordem, propôs que se iniciassem avultadas bemfeitorias na capela que muito delas carecia, estucando-se as paredes, reduzindo-se os altares laterais a dois, e embutidos nas paredes, construindo-se um altar próprio para a imagem do Senhor dos Passos, e se realizassem outras obras nas escadas de acesso à capela e ao seu côro»³³.

A obra idealizada pelo Padre António Torres é concretizada por 1.498\$170 réis, sendo adjudicada em Abril de 1888 ao empreiteiro Ernesto Lessa que a arrematou em hasta pública. Para conclusão das reparações a Ordem ainda teve que recorrer a al-

³² Idem, *Ibidem*, p.20

³³ Idem, *Ibidem*, p.21

guns empréstimos³⁴, ficando a Capela «(...) *terminada um ano depois, tendo a mesa, que nesse ano geria os negócios da Ordem, promovido ainda a encarnação das imagens, douramento de castiçais, assoalhamento da igreja, e a aquisição de vários objectos para serviço do culto. Foi benzida de novo, no dia 19 de Março dêsse ano, festa de São José, escolhida pelo glorioso Santo Patrono da Ordem Carmelita, e foi aberta ao público no dia 25 de Março seguinte, festa da Anunciação de Nossa Senhora.*»³⁵

Embora não tenhamos informações detalhadas sobre a construção das outras dependências que constituíam o hospital e capela, pelo espaço que actualmente observamos, denota-se que muito provavelmente pelo menos a sacristia existente também deve ser contemporânea da construção da capela, beneficiando igualmente das obras de restauro oitocentistas (a avaliar pela similitude entre o trabalho de *escayola*).

Ainda hoje este santuário se encontra ao culto dos fiéis, possuindo uma numerosa congregação de irmãos leigos que cuidam de forma exemplar deste sacro local³⁶, bem como do seu espólio. Relativamente ao hospital que pelo menos em 1840 ainda funcionava (e muito certamente funcionou durante os anos subsequentes), o que se comprova pela existência de um inventário onde constam enumerados muitos dos seus bens³⁷, refira-se que, embora extinto já há várias décadas, ainda hoje se podem observar alguns dos seus antigos artigos hospitalares nas dependências que constituíam esse albergue.

Conforme se foram realizando as obras da capela e hospital, procedeu-se paralelamente à criação no mesmo edifício de um local destinado ao arquivamento dos registos de todos os bens e actividades mensais da Ordem. A sua consulta foi indispensável para a construção do presente artigo, não apenas para uma efectiva compreensão do que referimos nos últimos parágrafos, mas também para o entendimento profícuo da mentalidade social e religiosa

desta Irmandade que demonstra sempre o maior zelo no que respeita à preservação do seu espólio artístico-documental (e suas vivências) como um legado único e insubstituível, que faziam questão de inventariar e descrever, evidenciando uma preocupação³⁸ constante com o registo da memória: a imagem de *Nossa Senhora do Carmo*, « (...) *vulgarmente chamada Nossa Senhora dos terceiros, por ser a que, em um altar portátil, presidia a todos os exercícios da Ordem feitos na igreja, e a que saía nas procissões sobre um riquíssimo andor de prata, ia já acompanhada das imagens de S. Simão Stock e do Papa João XXII. Para além destas imagens, a Ordem Terceira possuía outras de santos carmelitas (...). Num inventário de 1707, enumeram-se quatro relicários de prata lavrada com reliquias (...)* [e] *imagem do Senhor Morto.*»³⁹

Antes do terramoto de 1755 as festas organizadas⁴⁰ por esta Irmandade eram realizadas destacadamente, devido às abastadas posses da Confraria. Uma das suas mais memoráveis celebrações era sem dúvida a *Procissão do Triunfo da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, praticada na penúltima Sexta-feira Santa da Quaresma. Nos finais do século XVIII era descrita da seguinte forma: «*Saía pela porta principal da igreja do Carmo em direitura ao bairro chamado do Marquês e seguia pelo Chiado abaixo, tomando a calçada de Paio Novais, saindo à Caldeiraria, e voltando pela rua dos Douradores, e dos ourives do Ouro, entrava pela Rua Nova, e pela da Fancaria, voltava pelo Pelourinho até sair ao Terreiro do Paço, o qual atravessava, fazendo rosto ao arco que ficava por debaixo do Palácio; daqui saía ao Arco do Ouro, donde voltava sobre a Traquete, buscando o topo da Rua Nova do Almada, pela qual tornava a subir até ao Chiado, e rua direita até à primeira travessa, pela qual entrava no Carmo voltando por junto das casas do Marquês de Arronches, buscando o terreiro do Carmo e a porta principal da Igreja. Adiante ia o Pendão, precedido pelo Prior fidalgo mais antigo da Ordem com seu com-*

³⁴ BAYÓN, Balbino Velasco, op. cit., 2001, Lisboa, p.511

³⁵ Idem, *Ibidem*, p.511

³⁶ Note-se que a estrutura arquitectónica (coberturas e fachada) foram intervenionadas entre 2009-2011.

³⁷ AVOTC – Hospital da Ordem Terceira, Inventário geral de todos os objectos do dito Hospital, Lº não numerado, s.d. (inédito)

³⁸ Preocupações que se agravaram depois de acontecimentos como o Terramoto de 1755, Invasões Francesas (século XIX) e Extinção das Ordens Religiosas (1834).

³⁹ Idem, *Ibidem*, p. 496-497

⁴⁰ Como por exemplo: *A Procissão do Triunfo; os festejos da Ascensão e da Natividade de Nossa Senhora; a celebração do dia de Todos os Santos e da Nossa Senhora da Conceição.*

panheiro, o irmão oficial mais antigo. Os cordões eram levados pelos Secretários e Procuradores das mesas antecedentes. Seguiam-se os penitentes, entre o pendão e a Cruz da Comunidade, e os irmãos terceiros (...). O esquife do Santo Cristo era levado por dois religiosos carmelitas calçados, dois descalços e dois clérigos. No fim da Procissão, entre as imagens do Santo Cristo e a de Nossa Senhora da Soledade, iam os mesários com os seus brandões acesos. A Procissão terminava com um sermão pregado na Igreja do Carmo (...).»⁴¹ Já no século XIX, esta festividade passou a ser realizada no Domingo de Ramos, continuando a ser minuciosamente descrita como uma mais mais imponentes da cidade, cujo fulgor só veio a cessar em 1908 por acção do espírito revolucionário dominante⁴², voltando a ser restaurada apenas em meados do século XX.

Entre a vasta multidão de leigos e religiosos que compunham esta celebração processional, seguiam oito esculturas de vulto de tamanho natural representando os Passos da Paixão, pela seguinte ordem: *Cristo no Horto*, *Cristo Preso*, *Cristo atado à Coluna*, *Cristo da Cana Verde*, *Ecce Homo*, *Cristo com a Cruz às Costas* (ou *Senhor dos Passos*), *Cristo Crucificado*⁴³ e *Cristo Morto* (figuras às quais se juntava ainda a imagem de *Nossa Senhora da Soledade*)⁴⁴. Esse conjunto escultórico (cuja datação e autor se desconhecem) que se pressupõe ter sido de talhe de excelsa qualidade, desapareceu completamente na sequência do dito Terramoto. Mas a importância da sua existência era de tal forma indispensável para a comunidade que constituía a Ordem Terceira, que assim que se reuniram condições financeiras para tal, procederam à encomenda de um novo conjunto de imagens de vulto representativas da mesma temática. Estas esculturas, da autoria do italianizado escultor José de Almeida (1708-1769), ainda hoje podem ser observadas na capela e santuário da Ordem Terceira do Carmo, constituindo o seu conjunto escultórico mais importante, compos-

⁴¹ BAYÓN, Balbino Velasco, *op. cit.*, 2001, Lisboa, pp.498-499 e pp.500-501

⁴² SÃO PAYO, Conde de (D. Antonio), *op. cit.*, 1941, Lisboa, pp.22-23

⁴³ Sobre este verifica-se a seguinte nota: «Imagem de magnífico aspecto, que e conduzido n'um andor, levado por 16 irmãos.» Cfr. BAYÓN, Balbino Velasco, *op. cit.*, 2001, Lisboa, p.499

⁴⁴ Idem, *Ibidem*, p.499

to pelas seguintes imagens: *Jesus Cristo orando no Horto* (fig.2), *Jesus Cristo Preso* (fig.3), *Jesus Cristo atado à Coluna* (fig.4), *Jesus Cristo sentado na Pedra Fria ou da Cana Verde* (fig.5), *Ecce Homo* (fig.6), *Senhor dos Passos* (fig.7) e *Jesus Cristo Crucificado* (fig.8), - todas elas foram encomendadas em 1758, à excepção da imagem do *Cristo Morto* (fig.9), de linguagem plástica muito distanciada das restantes.

Vários historiadores dos séculos XIX e XX⁴⁵, já nos tinham vindo a dar notícia da atribuição deste grupo escultórico ao artista José de Almeida, porém é a historiadora da arte Teresa Leonor Vale que clarifica esta atribuição e sua respectiva datação, visto que, persistia a dúvida se se tratava de esculturas de vulto efectuadas antes ou depois do terramoto de 1755. No entanto, nunca foi mencionado qualquer documento que comprovasse estas atribuições, baseadas em estudos comparativos sobre a linguagem plástica e estilística utilizadas pelo escultor. E embora a forma personalizada como construiu a sua linguagem de inspiração romanizada, sempre tenha deixado poucas dúvidas em relação à identificação destas esculturas como sendo da sua autoria, a pesquisa que efectuamos no arquivo da Ordem Terceira, veio a clarificar ainda mais esta situação, ao encontrarmos o contrato efectuado entre ambas as partes a 9 de Outubro de 1758: «*Por este por mim asinado digo eu Joze de Almeida que tenho ajustado com a meza da venerável Ordem 3ª de Nossa Senhora do Carmo de Lixboa fazer sete Imagens dos Paços para a sua Procição do Triunfo que annualmente fazem na penultima sesta feira da quaresma a saber: a Imagem do Senhor orando no orto; a do Senhor prezo; a do Senhor atado à Coluna; a do Senhor sentado na Pedra; a do Senhor Ecce Homo; a do Senhor dos Paços e a do Senhor Crucificado ao vivo (...) por oitocentos mil réis (...) me obrigo a dar a primeira e as duas ultimas feitas perfeitamente e acabadas a tempo de se poderem encarnar para servirem na Procissão do dito dia no anno próximo de 1759 (...).*»⁴⁶. Contrato ao qual vêm anexados dez recibos de pagamento datados de: 09

⁴⁵ Vide os referidos em: VALE, Teresa Leonor, *Um português em Roma, Um italiano em Lisboa – Os escultores Setecentistas: José de Almeida e João António Bellini*, Livros Horizonte, 2008, pp.9-73

⁴⁶ AVOTC – *Despeza 1758-1763*, Caixa 33 (documento não numerado (inédito)).



Fig. 2 *Jesus Cristo orando no Horto* (1758). José de Almeida (escultor). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira.



Fig. 3 *Jesus Cristo Preso* (1758). José de Almeida (escultor). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira



Fig. 4 *Jesus Cristo atado à Coluna* (1758). José de Almeida (escultor). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira.



Fig. 5 *Jesus Cristo sentado na Pedra Fria ou da Cana Verde* (1758). José de Almeida (escultor). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira.



Fig. 6 *Ecce Homo* (1758). José de Almeida (escultor). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira.



Fig. 7 *Senhor dos Passos* (1758). José de Almeida (escultor). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira.



Fig. 8 *Jesus Cristo Crucificado* (1758). José de Almeida (escultor). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira.

Fig. 9 *Cristo Morto*. Século XVIII (?). Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Foto de Célia Pereira.



de Março, 08 de Maio, 25 de Julho, 05 de Setembro, 19 de Outubro, 19 de Novembro de 1759 e ainda de 08 e 25 de Janeiro, 12 de Fevereiro e 22 de Março de 1760 – assinalando este último a altura em que deve ter concluído a elaboração das esculturas na sua totalidade (ou o seu pagamento?).

Sabe-se também que algumas destas imagens foram encarnadas novamente em 1889⁴⁷, por Francisco de Borja Gomes, denunciando um cuidado constante com a sua preservação, mas que acabou por adular sobretudo o rosto da imagem do *Senhor dos Passos*, que se denota muito repintado (artificial), quando comparado com os traços bem mais naturalistas e reais das esculturas de *Cristo Crucificado* (que a este nível, julgamos que seja uma das peças mais bem preservadas) ou do *Cristo atado à Coluna* e do *Senhor sentado na Pedra Fria*.

Trata-se de um conjunto de obras de notável qualidade, demonstrando grandes afinidades com outras esculturas efectuadas pelo mesmo autor, como é o caso do *Cristo Crucificado* que este executou para a capela-mor da basílica conventual de Mafra, e que actualmente se conserva na Igreja de Santo Estevão de Alfama, ou mesmo com outras obras de temática e dimensões diferenciadas como o conjunto⁴⁸ (c.1762-1768) constituído pelo *Santo*

António com o Menino, S. José, Nossa Senhora da Natividade, S. Bernardo, S. Francisco de Assis e São Pedro de Alcântara, existentes no Palácio de Mafra, aos quais se junta ainda um pequeno Presépio. Os principais elos de ligação entre estas e outras esculturas que se lhe encontram atribuídas, são sempre o tratamento que este escultor confere à execução das mãos e dos pés de cada uma das figuras, exibindo uma estrutura óssea bem definida e articulada, envolvida numa detalhada massa muscular. Características que também se observam na restante composição dos corpos, revelando elegância anatómica e um talhe muito preciso, «(...) *sem que se percam, porém, em exageros de expressão da dor e sofrimento, naturalmente associados à representação destas temáticas.*»⁴⁹, tal como a devoção dos fiéis exigia.

Todos estes testemunhos revelam por parte da Irmandade, uma posição de herdeira auto-consciente do acervo que se encontra à sua guarda, como um dos tesouros mais representativos do Carmo de Lisboa - atitude que se vai intensificando progressivamente à medida que a existência dos frades Carmelitas se vai extinguindo depois de 1755 (e que se agrava depois de 1834 com a Extinção das Ordens Religiosas). Esta postura é bem visível não apenas através dos referenciados cuidados de conservação

⁴⁷ BAYON, Balbino Velasco, *op.cit.*, p.511

⁴⁸ VALE, Teresa Leonor, *op. cit.*, pp.55-58

⁴⁹ *Idem, Ibidem*, pp.55-58

que a congregação sempre demonstrou, mas também através de outras acções como é o caso dos diversos inventários de bens artísticos que elaboraram entre 1792 e 1918⁵⁰ (acrescentados de pormenorizadas notas sobre o destino⁵¹ de cada uma das peças, suas deslocações ou empréstimos), ou dos vários restauros que se efectuaram em quase todas as pinturas e esculturas que se encontravam sob a sua alçada, ou ainda pela encomenda de novas obras de imagética para ornamentação da capela, bem como dos seus festejos processionais.

Modos de zelo patrimonial que permitiram a salvaguarda de um espólio que ainda tem muito a revelar, e não nos referimos unicamente ao acervo de pintura e escultura que fazem parte da actual capela e santuário da Ordem Terceira do Carmo, ou àquele que se encontra deslocado em outras igrejas e museus, mas em muito particular, ao vasto material que o mencionado Arquivo têm a desbravar.

Célia Nunes Pereira
Lisboa, 27 de Janeiro de 2013

⁵⁰ Vide: AVOTC – *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1764* (Inédito); *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1792* (Inédito); *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1807* (Inédito); *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1888* (Inédito); *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1918* (Inédito); *Inventário dos bens da Ordem Terceira, s.d.* (Inédito).

⁵¹ Durante as Invasões Francesas, estas anotações abundam junto dos inventários.